

Teotônio Vilela Filho

CORREIO BRAZILIENSE

O PSDB emerge das urnas com o desempenho eleitoral gratificante do partido que fez o maior número de governadores e do que mais cresceu nas eleições legislativas em relação ao pleito de 1994. Emerge, sobretudo, com um saldo político que confirma sua trajetória inovadora no cenário eleitoral brasileiro: o PSDB ganhou sem enganar ninguém e sem qualquer concessão a promessas irresponsavelmente fantasiosas. Ao contrário, Fernando Henrique se elegeu ainda no primeiro turno, pouco depois de o governo promover elevação emergencial dos juros a patamares jamais cogitados. Em plena campanha, o próprio presidente admitiu uma elevação de impostos, indesejada mas jamais descartada. E todos tomaram conhecimento dos reflexos da crise russa no Brasil e da urgência imperiosa de um duríssimo ajuste fiscal.

A mais importante e emblemática de todas as disputas, a de São Paulo, premiou, em Mário Covas, a ética política, a austeridade fiscal e a serenidade administrativa, exatamente as principais bandeiras do PSDB. E, por coincidência, foi o próprio Covas o autor de um ousadíssimo ajuste fiscal, que não impediu nem mesmo a demissão de milhares de servidores. Ainda as-

sim, todo o Brasil torceu por ele.

Por trás dos números eleitorais que orgulham, há outras conquistas políticas que gratificam. Uma delas é a coerência do partido que, dos Pampas à Amazônia, se apresentou com uma clara preocupação com a unidade. Do material gráfico às peças eletrônicas, das cores ao discurso, até porque o PSDB decidiu apresentar não apenas nomes, mas idéias, e expor ao eleitorado seus quadros, mas sobretudo suas propostas.

E essas propostas é que têm sido julgadas e crescentemente aprovadas pelo eleitorado nos primeiros dez anos do partido. Já nas eleições municipais de 1996, o PSDB foi às urnas com um discurso duro, de defesa de reformas, de enxugamento das estruturas municipais, sem concessões à demagogia irresponsável de promessas inviáveis, mas assumindo claramente todos os ônus da austeridade administrativa e fiscal que se impunha. Nada de au-

mentos salariais eleitoreiros, de demissões indiscriminadas de servidores, para citar apenas duas das práticas que se tornaram emblema de um vale-tudo eleitoral em que feio mesmo era perder.

E, em 1996, saímos de 274 para 911, um crescimento espetacular de 232%. Nossos vereadores au-

mentaram de 3.274 para 8.366. Este ano, nossos deputados estaduais aumentaram de 97 para 152 (56% a mais). Os federais, de 63 para 99, um crescimento de 57%. Dos dez eleitos para o Senado, em 1994, passamos para 16 este ano, um reforço de 60% na bancada.

Tão importante quanto essa vitória é a forma co-

mo se deu. O PSDB sempre jogou limpo com o eleitor, sem fugir de quaisquer desafios, mesmo ao custo de incompreensões e críticas como as que Mário Covas enfrentou nos primeiros anos de administração. E sempre respeitou os aliados.

Por mais legítimo que seja seu projeto de consolidação partidária,

o PSDB sempre pensou mais no Brasil e na governabilidade do país, mais nas reformas indispensáveis ao crescimento econômico e ao avanço social que propriamente na sua expansão partidária. Em estados tão importantes e vitais como o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Tocantins, Rio Grande do Norte e Alagoas, o PSDB abriu mão de candidaturas próprias para garantir palanque único aos candidatos de partidos aliados. No segundo turno, o PSDB soube passar por cima de conveniências e de simpatias pessoais para apoiar candidaturas afinadas com a base do governo. O PSDB cresceu sem atropelar aliados, consciente de que é possível preservar sua identidade partidária e sua fidelidade programática numa base mais abrangente de sustentação parlamentar.

O PSDB defenderá junto ao governo os espaços políticos que a sociedade lhe garantiu, sem, no entanto, sacrificar a seus legítimos projetos partidários os interesses do país e a sua governabilidade. Como fez na eleição, o PSDB respeitará em todas as instâncias a aliança política feita transparentemente e aprovada majoritariamente pelo eleitorado; mas até em respeito à vontade social não poderá abrir mão de seus princípios e

da luta pela social-democracia em que acreditamos. Foram esses os sinais das urnas,

Tome-se, por exemplo, o caso de São Paulo, onde os resultados eleitorais foram particularmente auspiciosos para o PSDB. Covas venceu porque São Paulo se convenceu de que é possível fazer ajuste fiscal sem descuidar de programas sociais e de que é possível tocar obras sem abrir mão nem da ética política nem da austeridade administrativa. Como prega o PSDB, como fez o PSDB em São Paulo e no Ceará, para ficar em apenas dois exemplos.

São essas as bandeiras que nos embalam o projeto de expansão da social-democracia no Brasil. É esse o balizamento que as urnas apontam e que os tucanos seguirão para os próximos quatro anos.

Por esse sinal das urnas imaginamos que o ajuste fiscal do Brasil será menos difícil do que se apregoa. Afinal, os principais governadores da Oposição têm a marca pessoal da austeridade administrativa. Esse é motivo de uma alegria maior não apenas para os tucanos mas para todo cidadão. O PSDB venceu porque o Brasil amadureceu. A democracia pegou.

■ Teotônio Vilela Filho é senador por Alagoas e presidente nacional do PSDB